

PATRICK MODIANO

A ERVA DAS NOITES

Tradução de Carlos Sousa de Almeida

Para Orson

No entanto, não foi um sonho. Por vezes, surpreendo-me a dizer esta frase na rua, como se ouvisse a voz de outro. Uma voz sem timbre. Ocorrem-me à ideia nomes, alguns rostos, certos pormenores. E ninguém com quem falar deles. Deve haver duas ou três testemunhas ainda vivas. Mas é provável que se tenham esquecido de tudo. E, depois, acabo por me perguntar se houve realmente testemunhas.

Não, não foi um sonho. A prova é que tenho um caderno preto cheio de apontamentos. Nesta incerteza, necessito de termos precisos e consulto o dicionário. Apontamento: escrito breve que se faz para recordar qualquer coisa. As páginas do caderno são uma sucessão de nomes, de números de telefone, de datas de encontros, bem como de textos curtos que podem ter qualquer coisa que ver com a literatura. Mas como classificá-los? Diário íntimo? Pedacos de memória? E ainda centenas de pequenos anúncios copiados dos jornais. Cães perdidos. Apartamentos mobilados. Pedidos e ofertas de emprego. Videntes.

No meio de todos esses apontamentos, uns têm mais ressonância do que outros. Principalmente quando nada perturba o silêncio. Há muito que o telefone não toca. E ninguém baterá à porta. Devem julgar que estou morto. Estou só, atento, como se quisesse captar os sinais de morse que um interlocutor desconhecido envia de muito longe. Evidentemente, muitos sinais chegam com interferências e, por mais que apure o ouvido, perdem-se para sempre. Mas há nomes que se destacam com clareza no silêncio e na página em branco...

Dannie, Paul Chastagnier, Aghamouri, Duwelz, Gérard Marciano, «Georges», o Hotel Unic, Rua de Montparnasse... Se bem me lembro, andava sempre alerta naquele bairro. Um dia destes, calhou passar por lá. Tive uma sensação muito estranha. Não de que o tempo tivesse decorrido, mas de que um outro eu, um gémeo, andava por ali, sem ter envelhecido, e continuava a viver nos mínimos pormenores, e até ao fim dos tempos, o que eu ali vivera durante um período muito curto.

O que causaria o mal-estar que sentira antigamente? Seria daquelas ruas à sombra de uma estação e de um cemitério? De repente, pareciam-me anódinas. As fachadas tinham mudado de cor. Muito mais claras. Nada de particular. Uma zona neutra. Seria realmente possível que um duplo que ali deixara continuasse a repetir todos e cada um dos meus velhos gestos, a seguir os meus antigos itinerários por toda a eternidade? Não, já nada restava de nós. O tempo levava tudo. O bairro era novo, saneado, como se tivesse voltado a ser construído no local de uma ilhota insalubre. E ainda que a maior parte dos edifícios fosse a mesma, dava a impressão de se estar na presença de um cão empalhado, um cão que fora nosso e do qual gostaríamos em vida.

Nesse domingo à tarde, durante o meu passeio, tentava recordar-me do que estava escrito no caderno preto que lamentava não levar no bolso. As horas do encontro com Dannie. O número de telefone do Hotel Unic. Os nomes daqueles com quem me encontrava lá. Chastagnier, Duwelz, Gérard Marciano. O número de telefone de Aghamouri no pavilhão de Marrocos da Cidade Universitária. Descrições breves de várias zonas desse bairro a que tencionava chamar «O interior de Montparnasse», mas descobri, trinta anos depois, que o título já fora usado por um tal Oser Warszawski.

Num domingo de outubro, ao entardecer, os meus pés tinham-me levado, portanto, a essa zona pela qual teria evitado passar durante a semana. Não, não se tratava verdadeiramente de uma peregrinação. Mas os domingos, sobretudo ao entardecer e quando se está só, abrem uma brecha no tempo. Basta enfiarmo-nos por ela. Um cão empalhado de que gostámos em vida. Quando passava defronte do edifício grande, branco e bege-sujo, o número 11 da Rua de Odessa – ia no

passeio em frente, o da direita –, senti uma espécie de clique, aquela ligeira vertigem que se sente precisamente de todas as vezes que se abre uma brecha no tempo. Quedei-me de olhos cravados nas paredes do edifício que rodeavam o pequeno pátio. Era ali que Paul Chastagnier deixava sempre o carro quando vivia num quarto no Hotel Unic, na Rua de Montparnasse. Uma noite, perguntei-lhe por que não estacionava o carro diante do hotel. Fazendo um sorriso acanhado, respondeu-me com um encolher de ombros: «Por precaução...»

Um *Lancia* vermelho. Podia chamar a atenção. Mas se não queria dar nas vistas, que ideia fora aquela de escolher uma tal marca e uma tal cor...? Explicou-me, então, que um amigo dele vivia no edifício da Rua de Odessa e que lhe emprestava muitas vezes o carro. Sim, por isso o deixava lá.

«Por prudência», dizia. Depressa me apercebi de que aquele homem, na casa dos quarenta anos, moreno, sempre muito arranjado, de roupas cinzentas e casacos azuis-marinhos, não exercia nenhuma profissão concreta. Ouvia-o telefonar no Hotel Unic, mas a parede era demasiado grossa para que conseguisse escutar a conversa. Só me chegava o som da sua voz, grave, por vezes cortante. Silêncios prolongados. Conhecera Chastagnier no Hotel Unic, ao mesmo tempo que me cruzava com outras pessoas naquele estabelecimento: Gérard Marciano, Duwelz, de cujo nome próprio não me recordo... Com o tempo, as suas silhuetas tornaram-se confusas e as suas vozes inaudíveis. A de Paul Chastagnier recorta-se com mais precisão por causa das cores: cabelo muito preto, casaco azul-marinho, carro vermelho. Creio que passou uns anos na prisão, tal como Duwelz e Marciano. Era o mais velho e já devia ter morrido. Levantava-se tarde e marcava os seus encontros em locais apartados, para sul, nessas zonas do interior que ficam ao redor da antiga estação de mercadorias e cujos nomes tradicionais me eram também familiares: Falguière, Alleray, e mesmo, um pouco mais longe, a Rua dos Favorites... Cafés desertos a que me levou algumas vezes e onde achava certamente que ninguém poderia descobri-lo. Nunca me atrevi a perguntar-lhe se tinha uma proibição de residência, ainda que a ideia me tenha passado pela cabeça muita vez. Mas então porque estacionava ele o carro diante daqueles cafés? Não teria sido mais prudente ir a pé, discretamente?

Naquele tempo, eu andava sempre a pé por aquele bairro que começavam a destruir, por baldios, pequenos edifícios de janelas entaipadas, troços de ruas entre montes de entulho, como depois de um bombardeamento. E aquele carro vermelho ali estacionado, aquele cheiro a couro, aquela mancha viva que faz acudir à memória recordações... Recordações? Não. Naquele domingo ao entardecer, acabei por me convencer de que o tempo não se move e que se me enfiasse realmente pela brecha, voltaria a encontrar tudo, intacto. E antes de mais, aquele carro vermelho. Decidi ir andando até à Rua Vandamme. Havia lá um café a que Paul Chastagnier me levara e onde a conversa se tornara mais pessoal. Sentira mesmo que estava quase a fazer-me confidências. Propôs-me, por meias-palavras, que «trabalhasse» para ele. Mantive-me evasivo. Não insistiu. Eu era muito novo, mas bastante desconfiado. Mais tarde, voltei àquele café com Dannie.

Naquele domingo, era quase noite quando cheguei à Avenida do Maine, e fui contornando os grandes edifícios novos do lado dos números pares. Formavam uma fachada retilínea. Nem uma luz nas janelas. Não, não foi um sonho. A Rua Vandamme desembocava na avenida mais ou menos por ali, mas naquela tarde as fachadas eram lisas, compactas, sem a mais pequena interrupção. Tinha de me render à evidência: a Rua Vandamme já não existia.

Transpus a porta envidraçada de um desses edifícios, mais ou menos no sítio em que entrávamos na Rua Vandamme. Uma luz de néon. Um corredor largo e comprido ladeado de paredes de vidro por detrás das quais havia uma série de secretárias. Talvez restasse um troço da Rua Vandamme, cercado por aquela massa de edifícios novos. Este pensamento causou-me um riso nervoso. Continuava a andar pelo corredor envidraçado. Não lhe via o fim e a luz de néon fazia-me piscar os olhos. Pensei que aquele corredor seguia naturalmente o antigo traçado da Rua Vandamme. Fechei os olhos. O café ficava ao fundo da rua, prolongada por um beco sem saída que esbarrava no muro das oficinas dos caminhos de ferro. Paul Chastagnier deixava o carro vermelho no beco sem saída, diante do muro negro. Por cima do café, havia um hotel, o Perceval, assim chamado por causa de uma rua com o mesmo nome, rua que desaparecera também com os edifícios novos. Tinha tudo anotado no caderno preto.

No final, Dannie já não se sentia muito bem no Unic – como dizia Chastagnier – e arranjara um quarto no Perceval. Daí em diante, queria evitar os outros, sem que eu saiba a quem em particular: Chastagnier? Duwelz? Gérard Marciano? Quanto mais penso nisso agora mais me parece que comecei a vê-la apreensiva desde o dia em que me chamou a atenção a presença de um homem no vestíbulo e por detrás do balcão da recepção, um homem que Chastagnier me dissera ser o gerente do Hotel Unic e cujo apelido consta no meu caderno: Lakhdar, seguido de outro apelido: Davin, este entre parêntesis.

*

Conhecera-a na cafeteria da Cidade Universitária, onde procurava muita vez refúgio. Vivia num quarto do pavilhão dos Estados Unidos e eu perguntava-me porquê, já que não era nem estudante nem americana. Não ficou aí muito tempo depois de termos travado conhecimento. Apenas uma dezena de dias. Hesito em escrever por inteiro o apelido que anotei no caderno preto depois do nosso primeiro encontro: Dannie R., pavilhão dos Estados Unidos, Avenida Jourdan, 15. Talvez o use de novo agora – depois de tantos outros apelidos – e não quero atrair a atenção sobre ela caso esteja ainda viva algures. E, no entanto, se lesse esse apelido em letra de imprensa, talvez se lembrasse de o ter usado numa certa época e eu tivesse notícias dela. Mas não, não tenho grandes ilusões a respeito disso.

No dia em que nos conhecemos, escrevi «Dany» no caderno. E ela corrigiu pessoalmente, com a minha esferográfica, a ortografia exata do seu nome próprio: Dannie. Mais tarde, descobri que «Dannie» era o título de um poema de um escritor que admirava nesse tempo e a quem via de vez em quando, na Avenida Saint-Germain, sair do Hotel Taranne. Há coincidências, por vezes, curiosas.

Na tarde do domingo em que deixou o pavilhão dos Estados Unidos, pediu-me que fosse buscá-la à Cidade Universitária. Esperava-me diante da entrada do pavilhão com duas malas de mão. Disse-me que tinha encontrado um quarto num hotel de Montparnasse. Propus-lhe que fôssemos a pé. As duas malas não pesavam muito.

Tomámos a Avenida do Maine. Estava deserta, como na outra

tarde, que também era um domingo, à mesma hora. Um amigo marroquino da Cidade Universitária falara-lhe do hotel, o amigo que ela me apresentara na cafeteria quando nos conhecemos, um tal Aghamouri.

Sentámo-nos num banco à altura da rua que franqueia o cemitério. Revistou as duas malas a verificar se se tinha esquecido de alguma coisa. Depois continuámos a andar. Ia-me contando que Aghamouri vivia nesse hotel porque um dos donos era marroquino. Mas, então, porque tinha vivido também na Cidade Universitária? Porque era estudante. De resto, tinha outro domicílio em Paris. E ela, também era estudante? Aghamouri ia ajudá-la a matricular-se na Faculdade de Censier. Não parecia muito convencida e disse esta última frase com indiferença. No entanto, recordo-me de que uma tarde a acompanhei no metro até à Faculdade de Censier, havia uma linha direta de Duroc a Monge. Caía uma chuva miudinha, mas era coisa que não nos incomodava. Aghamouri tinha-lhe dito que era preciso ir pela Rua Monge e por fim lá chegámos: uma espécie de esplanada, ou melhor, um baldio rodeado de casas baixas semi-destruídas. O solo era de terra batida e, na penumbra, tínhamos de andar com cuidado por causa das poças de água. Ao fundo de tudo, um edifício moderno por certo recém-construído, uma vez que ainda tinha os andaimes... Aghamouri esperava-nos à entrada, com a luz do vestíbulo a iluminar-lhe a silhueta. O olhar dele parecia-me menos intranquilo do que o habitual, como se, apesar do baldio e da chuva, lhe desse segurança estar diante da Faculdade de Censier. Acodem-me à memória todos estes pormenores desordenados, titubeantes, e a luz ofusca-se com frequência. E isto contrasta com os apontamentos precisos que figuram no caderno. Esses apontamentos são-me úteis para dar um pouco de coerência às imagens que saltitam a tal ponto que o celuloide da película corre o risco de romper-se. Curiosamente, outros apontamentos referentes a investigações que estava a fazer na mesma altura sobre acontecimentos que não tinha vivido – remontam ao século XIX e mesmo ao século XVIII – pareciam-me mais límpidos. E os nomes que têm que ver com esses acontecimentos longínquos: a baronesa Blanche, Tristan Corbière, Jeanne Duval, entre outros, e também Marie-Anne Leroy,

guilhotinada no dia 26 de julho de 1794, com 21 anos de idade, parecem-me mais próximos e mais familiares que os nomes dos meus contemporâneos.

Naquele domingo ao final da tarde, quando chegámos ao Hotel Unic, Aghamouri estava à espera de Dannie, sentado no vestíbulo, na companhia de Duwelz e de Gérard Marciano. Foi nesse dia que conheci os dois últimos. Quiseram que fôssemos ver o jardim por detrás do hotel onde havia duas mesas com guarda-sol. «A janela do teu quarto dá para este lado», disse Aghamouri, mas o pormenor não parecia importar a Dannie. Duwelz. Marciano. Tento concentrar-me para lhes dar uma aparência de realidade, procuro o que poderia fazê-los reviver, aqui, sob o meu olhar, o que me permitiria, depois de todo este tempo passado, sentir a sua presença. Não sei, um perfume... Duwelz ostentava sempre um aspeto cuidado: bigode louro, gravata, fato cinzento, e cheirava a uma *eau de toilette* cujo nome descobri, muitos anos depois, através de um frasco esquecido num quarto de hotel: *Pino silvestre*. Por segundos, o aroma do *Pino silvestre* trouxe-me à memória uma silhueta que vai, de costas, pela Rua de Montparnasse, um louro de andar vagaroso: Duwelz. Depois, mais nada, como nesses sonhos em que não nos resta, ao acordar, senão um vago reflexo que se vai esfumando ao longo do dia. Gérard Marciano, pelo contrário, era moreno, de pele branca e bastante baixo, sempre de olhar cravado no outro, mas sem o ver. Conheci melhor Aghamouri, com quem convivi várias vezes ao final da tarde, num café da Praça Monge, quando saía das aulas na Censier. Ficava sempre com a impressão de que me queria fazer uma confidência importante, de contrário não me teria marcado encontro a sós ali, longe dos outros. Era um café tranquilo quando a noite caía, no inverno, e estávamos sós e em segurança ao fundo da sala. Um *caniche* preto apoiava o focinho sobre o banco e observava-nos piscando os olhos. Ao recordar alguns momentos da minha vida, vêm-me à memória versos e procuro frequentemente recordar-me de quem eram. O café da Praça Monge ao entardecer associa-o eu ao seguinte verso: «As unhas afiadas de um *caniche* golpeando as calçadas da noite...»

Íamos a pé até Montparnasse. Durante esses trajetos, Aghamouri tinha-me revelado alguns pormenores, muito poucos, sobre si.

Acabavam de expulsá-lo, na Cidade Universitária, do quarto no pavilhão de Marrocos, mas nunca soube se fora por razões políticas ou por outro motivo. Vivia num pequeno apartamento que lhe haviam emprestado na 16.^a circunscrição, junto à Casa da Rádio. No entanto, preferia o quarto que tinha no Hotel Unic, o qual conseguira graças ao gerente, «um amigo marroquino». Porque não deixava, então, o apartamento na 16.^a circunscrição? «É que a minha mulher vive lá. É verdade, sou casado.» E percebi que não me diria mais nada. De resto, nunca respondia às perguntas. As confidências que me fez – poderão, realmente, chamar-se confidências? – fê-las no caminho da Praça Monge para Montparnasse, entre longos silêncios, como se andar o encorajasse a falar.

Havia algo que me intrigava. Seria mesmo estudante? Quando lhe perguntei a idade, respondeu-me: trinta anos. Poderia ainda ser estudante aos trinta anos? Não me atrevia a fazer-lhe a pergunta por recear melindrá-lo. E Dannie? Porque queria ela ser estudante também? Era assim tão simples a matrícula, de um dia para o outro, na Faculdade de Censier? Quando os observava aos dois no Hotel Unic, não tinham nada ar de estudantes, e lá para a zona de Monge, o edifício da faculdade, parcialmente construído ao fundo do baldio, parecia-me de súbito pertencer a outra cidade, a outro país, a outra vida. Seria por causa de Paul Chastagnier, de Duwelz, de Marciano e dos outros que avistava na receção do Hotel Unic? Mas eu nunca me sentia à vontade no bairro de Montparnasse. Não, a verdade é que as ruas não eram muito alegres. Na minha memória, chove com frequência, ao passo que outros bairros de Paris vejo-os sempre no verão quando penso neles. Acho que Montparnasse se apagou desde o final da guerra. Mais abaixo, na avenida, *La Coupole* e *Le Select* ainda tinham um certo esplendor, mas o bairro perdera a alma. Já não havia nem talento nem coração.

Um domingo à tarde, estava sozinho com Dannie, na parte de baixo da Rua de Odessa. Começou a chover e fomos refugiar-nos no vestíbulo do Cinema Montparnasse. Sentámo-nos ao fundo da sala. Estava no intervalo e não sabíamos de que filme se tratava. Aquele cinema imenso e deteriorado causou-me o mesmo mal-estar que as ruas do bairro. Havia no ar um cheiro a ozono, como quando se

passa sobre um respiradouro do metro. Entre o público, uns quantos soldados de licença. Ao cair da noite, tomariam os comboios da Bretanha em direção a Brest ou a Lorient. E em lugares retirados escondiam-se casais acidentais que não veriam o filme. Durante a sessão, ouvir-se-iam as suas queixas, os seus suspiros e, por baixo deles, o rangido cada vez mais intenso dos assentos... Perguntei a Dannie se tencionava ficar muito mais tempo ainda no bairro. Não. Não muito. Teria preferido viver num quarto grande na 16.^a circunscrição. Era um sítio calmo e anónimo. E ninguém poderia já localizá-la. «Porquê? Tens de esconder-te?» «Não. De maneira nenhuma. E tu, gostas do bairro?»

Aparentemente, tinha querido evitar responder a uma pergunta embaraçosa. E eu, que podia eu responder-lhe? Era indiferente que gostasse ou não do bairro. Agora parece-me que estava a viver outra vida dentro da minha vida quotidiana. Ou, mais exatamente, que essa outra vida estava ligada à vida diária, bastante cinzenta, e lhe dava uma luminosidade e um mistério que, na realidade, não tinha. Eis como os lugares que nos são familiares e que voltamos a ver em sonhos, muitos anos depois, adquirem um aspeto estranho, como aquela triste Rua de Odessa e aquele Cinema Montparnasse com cheiro a metro.

Nesse domingo acompanhei Dannie ao Hotel Unic. Tinha encontro com Aghamouri. «Conheces a mulher dele?», perguntei-lhe. Pareceu surpreendê-la que eu estivesse ao corrente da sua existência. «Não», respondeu-me. «Ele quase nunca a vê. Estão mais ou menos separados.» Não tenho qualquer mérito em reproduzir esta frase com exatidão, pois figura na parte de baixo de uma das folhas do meu caderno, a seguir ao nome «Aghamouri». Na mesma página há outros apontamentos que não têm qualquer relação com esse triste bairro de Montparnasse, Dannie, Paul Chastagnier, Aghamouri, mas têm que ver com o poeta Tristan Corbière, e também com Jeanne Duval, a amante de Baudelaire. Tinha descoberto os seus endereços, uma vez que está escrito no caderno: Corbière, Rua Frochot, 10; Jeanne Duval, Rua Sauffroy, 17, por volta de 1878. Mais adiante, há páginas inteiras que lhes são dedicadas, o que tenderia a provar que tinham

mais importância para mim que a maioria dos vivos com quem me relacionei naqueles anos.

Nessa noite, deixei-a à entrada do hotel. Vi de longe Aghamouri, que a esperava em pé no meio do vestibulo. Vestia um casaco bege. Também apontei isso no caderno: «Aghamouri, casaco bege.» Com certeza para ter um ponto de referência mais tarde – com a maior quantidade possível de pormenores relativamente a essa etapa da minha vida. «Conheces a mulher dele?» «Não. Ele quase nunca a vê. Estão mais ou menos separados.» Frases que nos surpreendem quando nos cruzamos com duas pessoas que conversam na rua. E nunca saberemos a quem se referiam. Um comboio passa por uma estação a uma velocidade que impede que se leia o nome da localidade. Então, com a testa colada ao vidro da janela, reparamos em alguns pormenores: um rio, o campanário de uma aldeia, uma vaca preta meditabunda debaixo de uma árvore, afastada da manada. Temos esperança de conseguir ler o nome da estação seguinte e saber, finalmente, onde estamos. Não voltei a ver nenhuma das pessoas cujos nomes figuram nas páginas daquele caderno preto. Terá sido uma presença fugitiva, e corria mesmo o perigo de esquecer os seus nomes. Simples encontros que não sabemos se são fruto do acaso. Existe uma etapa da vida para isso, uma encruzilhada em que podemos ainda hesitar entre vários caminhos. O tempo dos encontros, como estava escrito na capa de um livro que encontrei numa plataforma de uma estação ferroviária. Precisamente nesse mesmo domingo em que deixei Dannie com Aghamouri, ia andando, não sei porquê, ao longo da plataforma de Saint-Michel. Subi a avenida, tão lúgubre como Montparnasse, talvez porque não houvesse a balbúrdia dos dias de semana e as fachadas estivessem sem luz. Na parte mais de cima, onde desemboca a Rua de Monsieur-le-Prince, depois do lanço de escadas e do corrimão de ferro, uma vidraça grande e iluminada, a parte traseira de um café cuja esplanada dava para o gradeamento do Jardim do Luxembourg. A sala do café estava toda às escuras, menos essa vidraça, por detrás da qual costumavam demorar-se, até altas horas da noite, alguns clientes diante de um balcão semicircular. Nessa noite havia duas pessoas que reconheci ao passar: Aghamouri, por causa do casaco bege, de pé, e ao lado dele, Dannie, sentada num dos tamboretetes.